

Marcas de Tinta Fresca: a presença da música de concerto brasileira no repertório da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA/TCC

SUBÁREA: SA-6 MUSICOLOGIA

Igor Leão Maia

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

imaia@ufmg.br

Arthur Versiani de Azevedo

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

arthurversianiazevedo@gmail.com

Resumo: Este artigo examina a presença da música de concerto orquestral brasileira no repertório da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, com ênfase no papel do Festival Tinta Fresca como vetor de difusão e renovação do repertório nacional. A partir do levantamento de dados institucionais e fontes públicas, foram identificadas 227 obras orquestrais originais de 76 compositores brasileiros, revelando forte predominância de autores do Sudeste. O estudo mostra que o festival tem sido decisivo na renovação do repertório da orquestra, promovendo a estreia de 68 obras inéditas de 33 compositores contemporâneos de diferentes regiões do país. A análise sugere que, apesar dos avanços, há necessidade de estratégias mais inclusivas no campo da curadoria orquestral. O artigo contribui para a reflexão sobre políticas de programação, circulação de repertórios e para a documentação do repertório sinfônico atual.

Palavras-chave: Música orquestral brasileira; Curadoria musical; Música contemporânea; Estudos de repertório.

Tinta Fresca's [Fresh Paint] marks: Brazilian Concert Music in the Repertoire of the Minas Gerais Philharmonic Orchestra

Abstract: This article examines the presence of Brazilian orchestral music in the repertoire of the Minas Gerais Philharmonic Orchestra, with an emphasis on the role of the Festival Tinta Fresca as a driver of dissemination and renewal of the national repertoire. Based on data gathered from institutional archives and public sources, 227 original orchestral works by 76 Brazilian composers were identified, revealing a strong predominance of authors from the Southeast region. The study shows that the festival has played a decisive role in renewing the orchestra's repertoire, promoting the premiere of 68 new works by 33 contemporary composers from various regions of the country. The analysis suggests that, despite progress, there remains a need for more inclusive strategies in orchestral curatorship. The article contributes to the ongoing reflection on programming policies, repertoire circulation, and the documentation of contemporary symphonic output in Brazil.

Key-words. Brazilian orchestral music, Music curatorship, Contemporary music, Studies of repertoire.



1) Introdução

A difusão da música de concerto orquestral brasileira nas salas de concerto é moldada por decisões curatoriais, iniciativas institucionais públicas e privadas, e políticas culturais que influenciam a escolha do repertório, sua recorrência nos programas e sua inserção no circuito profissional. Em meio a esse cenário, o Festival Tinta Fresca (FTF), promovido pela Orquestra Filarmônica de Minas Gerais (OFMG), tem se destacado como uma das principais plataformas de estreia e difusão de obras de compositores brasileiros contemporâneos. Desde sua criação, o festival não apenas amplia o número de obras brasileiras executadas pela orquestra, como também impulsiona a produção de novos trabalhos, ao incentivar a criação de composições inéditas. Com base no levantamento da programação da OFMG entre 2008 e 2025, este estudo investiga o impacto do festival na construção de um repertório sinfônico nacional e examina as escolhas de repertório da orquestra procurando estratégias mais abrangentes e críticas de curadoria musical.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo principal avaliar o impacto do FTF na difusão e ampliação do repertório orquestral brasileiro, a partir do levantamento e análise da produção nacional executada pela OFMG no período mencionado acima. Como objetivos específicos, busca-se: (1) catalogar o repertório brasileiro presente na programação da OFMG; (2) identificar os compositores mais recorrentes; e (3) analisar a distribuição regional desses compositores. Ao realizar esse mapeamento, pretende-se contribuir para a documentação crítica do repertório orquestral de música de concerto brasileira e para a reflexão sobre as estratégias curatoriais adotadas pelas instituições sinfônicas no Brasil.

A pesquisa está fundamentada em duas fontes principais. A primeira corresponde ao arquivo interno da OFMG, no qual foi possível consultar a lista completa de obras executadas pela orquestra entre fevereiro de 2008 e junho de 2025. A segunda fonte corresponde a dados obtidos online, por meio do site da própria orquestra e de mídias digitais (jornais, revistas especializadas e redes sociais), com informações complementares sobre as obras e compositores participantes do FTF desde sua fundação até a edição atual em 2025. Para fins deste estudo, foram excluídas da análise as obras de câmara, os arranjos, sejam de canções ou de obras para outras formações e peças que não se enquadrem no recorte proposto: a produção de música de concerto orquestral original de compositores brasileiros.



Nesse sentido, cabe ressaltar que este levantamento constitui apenas um primeiro passo em direção a uma compreensão mais abrangente da presença da música de concerto brasileira na programação da OFMG. A continuidade desse trabalho, com consultas adicionais ao arquivo interno da orquestra e acesso sistemático aos programas de concerto, será fundamental para possibilitar uma análise comparativa mais ampla, que permita relacionar a participação da produção nacional não apenas ao FTF, mas ao repertório da orquestra como um todo.

Também destacamos que, ao longo do artigo, o termo “curadoria” será utilizado em dois níveis distintos. O primeiro refere-se à curadoria artística permanente da própria OFMG, realizada principalmente por seu diretor artístico e regente titular, com eventual colaboração de convidados e agentes externos. O segundo nível diz respeito à curadoria específica do FTF, definida a cada edição por um júri rotativo, responsável pela seleção das obras submetidas por meio de edital.

1.1) Música Orquestral Brasileira e estudos de repertório

A música orquestral brasileira se desenvolveu em um contexto marcado por desafios institucionais, logísticos e culturais, especialmente no que se refere à criação e manutenção de corpos sinfônicos estáveis (RODRIGUES, 2003; MINCZUK, 2014). Esta situação, ao longo da história, tem impactado diretamente a consolidação de repertórios, a profissionalização de músicos e a difusão da produção sinfônica nacional, implicando, também, em uma circulação restrita das obras de compositores brasileiros no próprio território nacional. Nesse sentido, o fortalecimento de orquestras estáveis, em diálogo com políticas de fomento à criação e à difusão da música de concerto, têm sido um fator decisivo para a institucionalização do repertório orquestral brasileiro.

Estudos realizados sobre repertório brasileiro já indicam essa questão. Segundo Minczuk (2014), a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESF), a Orquestra Filarmônica de Minas Gerais (OFMG), a Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo (OSM) e, em certa medida, a Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB), destacam-se no cenário nacional não apenas por seu orçamento robusto e a extensão de suas temporadas, mas também pela realização de turnês internacionais que, além de promoverem visibilidade institucional, buscam divulgar o repertório de compositores brasileiros. Essas atividades contribuem, ainda que de forma concentrada em poucas instituições, para a difusão da música sinfônica nacional no



exterior, evidenciando a importância do investimento público e privado em orquestras com perfil de excelência artística.

A história da programação orquestral no Brasil, no entanto, revela desafios recorrentes. Durante a direção de Eleazar de Carvalho na OSB, nos anos 1950, houve uma proposta inovadora de estruturação dos programas, que incluía a presença constante de obras de compositores contemporâneos e brasileiros (MINCZUK, 2014). Também em 1985, a Orquestra do Teatro Nacional Cláudio Santoro, em Brasília, apresentava um repertório consideravelmente voltado à música de concerto brasileira, demonstrando um esforço de inserção dessa produção nas instituições públicas recém-criadas (MINCZUK, 2014).

No entanto, esses esforços não foram sempre mantidos ao longo do tempo, e o problema da escassa presença da música de concerto brasileira nas temporadas orquestrais parece remeter a uma questão estrutural. Como observa Rodrigues (2003, p. 15), desde o final do século XIX já se notava um decréscimo na execução de obras nacionais: “As nossas orquestras, depois que se tornaram oficiais, passaram a tocar menos música brasileira do que aquelas anteriores formadas pelas sociedades de concertos”. Para além da questão curatorial, Rodrigues aponta também dificuldades materiais, como a inexistência de edições confiáveis e o uso de manuscritos em “condições muito desfavoráveis”, dificultando a execução adequada das obras de compositores brasileiros (RODRIGUES, 2003, p. 15).

1.2) Contextualização da OFMG e Comparação com estudos sobre a OSESP

É nesse contexto que se insere a atuação da OFMG, fundada em 2008 e, em menos de duas décadas, consolidada como uma das principais orquestras do país. Com temporadas regulares, corpo artístico permanente e ações formativas diversas, a OFMG tem exercido um papel curatorial relevante na constituição e promoção do repertório orquestral brasileiro. Um de seus projetos mais significativos nesse sentido é o FTF, voltado à seleção, estreia e encomenda de obras de compositores brasileiros. Ao lado da execução de peças do repertório tradicional, a programação da OFMG tem se caracterizado por incorporar, ainda que pontualmente, obras de autores brasileiros de diferentes gerações, contribuindo para ampliar a presença da música nacional nas salas de concerto.

Claramente, a OFMG não é a única orquestra a fazê-lo e temos dezenas de orquestras que também tocam e estreiam obras de compositores brasileiros. No entanto, conforme já



apontado por Minczuk (2014), a visibilidade e qualidade artística da OFMG a coloca num patamar inferior apenas à OSESP, tanto pelo alcance quanto pelo orçamento das duas orquestras. Neste sentido, as escolhas curatoriais e a programação da OFMG se tornam de extrema relevância visto o impacto que têm na produção musical do país e o exemplo para as demais orquestras nacionais. Por outro lado, a comparação com a OSESP se torna necessária também, tanto para servir como modelo a ser seguido quanto para ressaltar as qualidades e fragilidades.

Em um artigo sobre a OSESP, Palácios (2013) analisa o repertório da orquestra de 2000 a 2009, trazendo algumas contribuições importantes para a análise de repertório brasileiro presente na OSESP. A análise quantitativa feita por Palácios revelou que entre os 329 compositores identificados, 88 são brasileiros, representando 26,75% do total. Em termos de obras, das 1396 peças registradas, 241 são de autoria brasileira, o que equivale a 17,26% do repertório — posicionando o Brasil como o segundo país com maior número absoluto tanto de obras distintas quanto de execuções. No entanto, ao calcular o coeficiente de repetições (relação entre número de execuções e número de obras), observou-se que, entre os cinco países com maior presença no repertório, o Brasil apresenta o segundo menor índice, sugerindo uma maior diversidade e menor recorrência das obras nacionais. Por fim, dos 547 concertos considerados na amostra, apenas 146 incluíram música de concerto brasileira, o que representa 26,69% do total de programas analisados.

Segundo Cruz (2024), também em uma análise de repertório de 2000 a 2009 da OSESP, a presença da música brasileira no repertório orquestral da OSESP representou “apenas cerca de 12% da programação total”, com ênfase reiterada de arranjos de música popular e alguma presença de obras contemporâneas. Cruz observa que o cânone musical promovido pela OSESP espelha diretamente o modelo europeu, tanto na escolha de repertório quanto na função de preservar uma tradição associada à busca por uma excelência artística de padrão internacional. Esse ideal se manifesta, por exemplo, na ênfase recorrente a compositores como Tchaikovsky e Mozart. Paralelamente, a orquestra procura legitimar sua atuação contemporânea por meio de encomendas e estreias de obras recentes, sejam elas de compositores brasileiros ou estrangeiros.

Neste sentido, Catanzaro (2015) aponta que “a Osesp, embora realize continuamente a encomenda e estreia de peças, não tem explorado todo o seu potencial para a consolidação da



música contemporânea no Brasil”. Corroborando sua opinião, menciona que tal constatação foi feita por João Marcos Coelho em sua crítica publicada no Caderno 2 do Estado de São Paulo, em 16 de junho de 2012, ressaltando que os compositores engajados com a "música de invenção" — ou seja, com propostas estéticas mais ousadas e inovadoras — são minoria entre os nomes contemplados pelas encomendas da orquestra naquele ano.

A dinâmica apontada por Cruz (2024) e Catanzaro (2012) suscita questões importantes para uma análise comparativa com a OFMG, especialmente no que tange ao equilíbrio entre repertórios tradicional e contemporâneo, à presença de compositores brasileiros e às estratégias adotadas por cada instituição na construção de uma identidade artística frente ao cânone internacional. Embora uma análise mais aprofundada extrapole os limites deste artigo, acreditamos que um passo inicial reside justamente na investigação do repertório brasileiro executado pela OFMG e nas ações promovidas pelo FTF.

1.3) O Festival Tinta Fresca

Dada a centralidade do FTF nesta pesquisa, traçamos a seguir um breve panorama de sua trajetória e estrutura. De acordo com informações disponíveis no site da OFMG (2025), o FTF é descrito como uma iniciativa que “busca fomentar a música feita no presente, “(...) [um] projeto que proporciona um terreno fértil para compositores brasileiros em busca de sua própria voz” (OFGM, 2025). Trata-se, portanto, de um projeto institucional, voltado à difusão de obras sinfônicas de compositores brasileiros. Apenas obras inéditas, com duração de até 15 minutos, são aceitas no festival, que não impõe limite de idade aos candidatos. As partituras inscritas passam por avaliação de uma comissão julgadora, composta por compositores de renome no cenário nacional, responsável por selecionar aquelas que serão interpretadas em concerto público.

Os compositores selecionados são então convidados para ensaios e o concerto (custeados pela Fundação Filarmônica), interagindo, assim, com maestro, músicos e jurados. A escolha da obra vencedora é feita por votação, envolvendo músicos da orquestra, maestro e membros da banca julgadora. O prêmio inclui a encomenda de uma nova peça para a temporada seguinte da OFMG.

Fundado em 2008, somente a partir da terceira edição, realizada em 2011, o FTF passou a ter abrangência nacional, recebendo inscrições de compositores de todo o país. Com



treze edições realizadas até 2025, o FTF consolidou-se como espaço de difusão e estreia da produção orquestral contemporânea no Brasil. Em anos recentes, ele tem sido transmitido ao vivo na Internet.

2) Metodologia

Nesta seção, apresentamos a metodologia empregada no levantamento e organização dos dados, com destaque para os compositores mais frequentemente programados e a diversidade regional observada.

A pesquisa fundamenta-se em procedimentos de levantamento, sistematização e análise de dados documentais, com o objetivo de mapear o repertório orquestral brasileiro executado pela OFMG entre sua fundação, em 2008, e junho de 2025 (mês em que visitamos *in loco* o arquivo da instituição). Foram utilizadas duas fontes principais: (1) o arquivo interno da orquestra, acessado com autorização institucional; e (2) dados públicos disponíveis no site da OFMG e em mídias digitais (jornais, revistas especializadas e redes sociais), com foco nas obras apresentadas no FTF.

O documento interno consultado consistia em uma listagem de 61 páginas, contendo todas as obras executadas pela OFMG até 16 de junho de 2025 (data da visita). A lista estava organizada por ordem alfabética dos compositores e incluía colunas com os seguintes campos: nome do compositor, código da obra, título da obra, editora, status de domínio público, gênero da peça (sinfonia, abertura, etc.), e uma coluna intitulada “obra original”. Durante o exame desse material, observou-se que algumas dessas categorias apresentavam inconsistências ou lacunas. Por exemplo, a classificação por gênero era incompleta, e o significado do campo “obra original” não estava claramente definido. De acordo com informações fornecidas pela arquivista responsável, essa última categoria poderia se referir à origem do material utilizado (original ou cópia), e não necessariamente à originalidade composicional da obra.

Para garantir a coerência dos dados, adotaram-se critérios específicos de inclusão e exclusão. Foram incluídas apenas obras orquestrais de compositores brasileiros, excluindo-se: (a) arranjos de canções populares, como “Carinhoso” ou “No rancho fundo”, mesmo que creditadas a compositores brasileiros; (b) obras marcadas como “música de câmara”; e (c) quaisquer peças de autores estrangeiros, incluídas eventualmente na lista.



Com relação ao FTF, foi realizada uma coleta complementar de dados baseada em fontes online, com foco nas obras estreadas pela OFMG no âmbito do projeto. Essa busca envolveu o cruzamento de informações do site oficial da orquestra com registros em periódicos digitais e redes sociais, sempre que possível confirmando datas, autores e títulos das obras. Vale destacar que, segundo informações da equipe da orquestra, apenas as obras encomendadas aos compositores premiados e estreadas na temporada oficial da OFMG foram incorporadas ao arquivo oficial, não constando ali as peças apresentadas durante o festival.

Além da identificação dos compositores e obras, foram organizadas informações adicionais como ano de nascimento e falecimento dos autores, estado de origem e, sempre que possível, a década de composição da obra. Dada a inconsistência de informações sobre o ano de composição em algumas entradas do arquivo, optou-se por adotar, quando havia dúvidas, o ano mais antigo registrado entre diferentes fontes. A organização e análise dos dados foram feitas com auxílio de planilhas eletrônicas, que permitiram a categorização das obras por década e região de origem dos compositores.

2.1) Apontamentos teóricos e limitações metodológicas

Antes de avançarmos para a apresentação dos resultados, é importante esclarecer uma distinção conceitual para a leitura dos dados: neste trabalho, utilizamos o termo “repertório” para nos referirmos ao conjunto de obras brasileiras executadas pela OFMG entre 2008 e 2025, independentemente da quantidade de execuções ou do contexto específico em que foram apresentadas. Já “programação” diz respeito ao modo como essas obras foram inseridas ao longo do tempo, isto é, à sua distribuição nos ciclos de concertos, temporadas, etc.

Embora reconheçamos a importância dessa distinção, optamos por centrar a análise no repertório brasileiro executado, sem entrar em detalhes sobre a frequência de execuções de cada obra ou a sua inserção em diferentes contextos programáticos. Essa escolha se justifica, em parte, pela natureza exploratória do estudo e pelo objetivo de realizar um mapeamento amplo e diversificado da presença da música orquestral brasileira na trajetória da OFMG.

Além disso, não foi possível identificar o número exato de execuções de cada obra, já que os dados disponíveis não indicavam a repetição de peças em diferentes concertos ou temporadas. Essa limitação reforça a necessidade de estudos futuros que explorem mais a fundo



a relação entre repertório e programação, investigando, por exemplo, os critérios curatoriais adotados e os ciclos de recorrência de determinadas obras.

3) Resultados

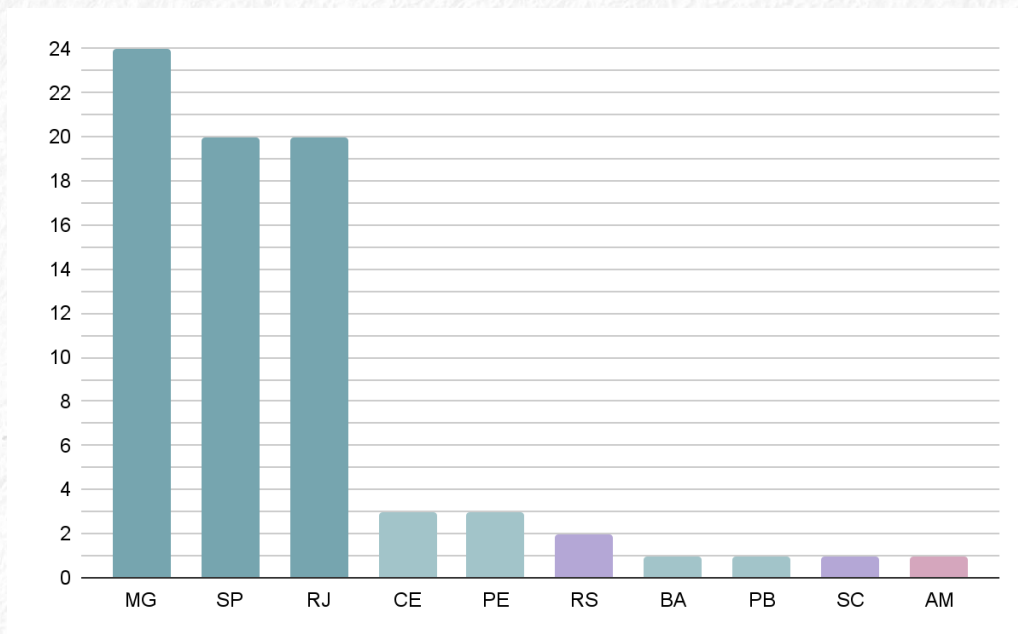
3.1) Panorama dos compositores brasileiros na programação da OFMG

A partir do levantamento realizado nos programas de concerto da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais entre fevereiro de 2008 e junho de 2025, foram registradas 227 obras orquestrais originais de compositores brasileiros. As peças analisadas incluem tanto estreias quanto interpretações pontuais, sem que haja, contudo, informações disponíveis sobre o número de execuções de cada obra. Portanto, esta análise incide sobre a presença no repertório da orquestra e não sobre sua recorrência ou papel na programação.

Em termos de perfil dos compositores, foram considerados os seguintes dados: gênero, unidade federativa de nascimento, ano de nascimento e, quando aplicável, ano de falecimento. Dentre os 76 compositores identificados (excluindo-se os participantes do FTF), a ampla maioria é do Sudeste, com ênfase em Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, que juntos somam 64 compositores (84% do total). 24 compositores (34%) são naturais de Minas Gerais, estado-sede da orquestra, o que revela uma forte presença local. Observa-se também que 10 estados brasileiros contribuíram com pelo menos um compositor com obra interpretada pela OFMG.



Figura 1 - Gráfico do número de compositores brasileiros com obras tocadas pela Orquestra Filarmônica de Minas Gerais (de 2008 até 16/06/2025) por estado de origem

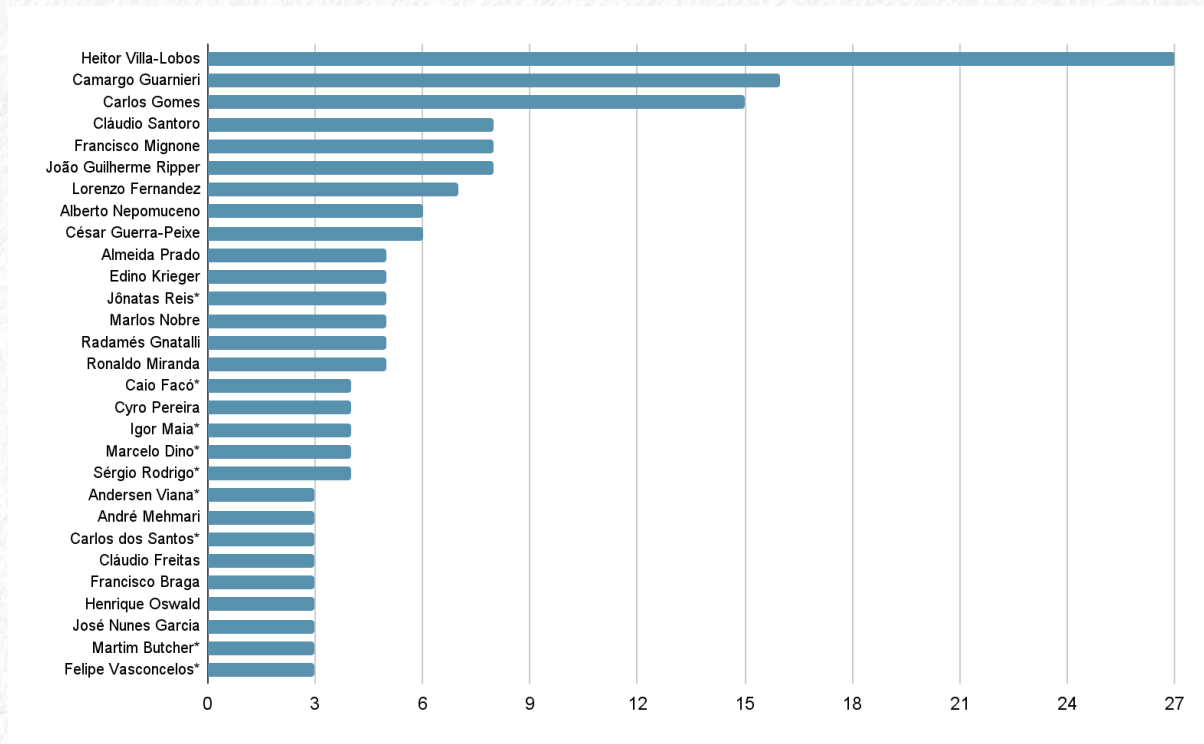


Fonte: os autores.

Abaixo, destacam-se os compositores brasileiros com maior número de obras executadas pela OFMG no período de 2008 a junho de 2025. A lista inclui tanto nomes consagrados da música de concerto brasileira quanto autores contemporâneos ativos na cena atual. Essa informação contribui para a compreensão de quais trajetórias artísticas vêm sendo mais reconhecidas e promovidas por uma das principais orquestras do país. Os nomes com asterisco são compositores que tiveram participação no FTF. A contagem no gráfico (Figura 2) inclui as obras tocadas no próprio FTF. Em geral os compositores no gráfico são os que receberam o prêmio-encomenda, com exceção de Caio Facó, que por duas vezes recebeu menção honrosa, e os compositores Felipe Vasconcelos e Andersen Viana, finalistas em três edições do FTF.



Figura 2 - Gráfico dos compositores brasileiros com maior número de obras tocadas pela OFMG, incluindo compositores com obras tocadas no FTF



Fonte: os autores.

Nota-se, como esperado conforme estudo de Palácios (2013) e Cruz (2024), que Villa-lobos é o compositor com o maior número de obras diferentes tocadas, seguido por Camargo Guarnieri e Carlos Gomes. Em outro patamar, com 8 composições tocadas, temos os compositores Cláudio Santoro, Francisco Mignone e João Guilherme Ripper, seguidos por Lorenzo Fernandez com 7 obras e Nepomuceno e Guerra-Peixe com 6. De todos esses, o único compositor vivo é J. G. Ripper. No entanto, quanto ao recorte temporal, há uma ênfase curatorial na produção brasileira do século XX e XXI. Isso se deve, provavelmente, a alguns fatores, dentre eles o próprio FTF. Dos 29 compositores com três obras ou mais executadas pela OFMG, nove tiveram suas obras executadas primeiramente no FTF, cujo papel analisamos na próxima subseção.



3.2) O papel do Festival Tinta Fresca no aumento e difusão da música orquestral brasileira

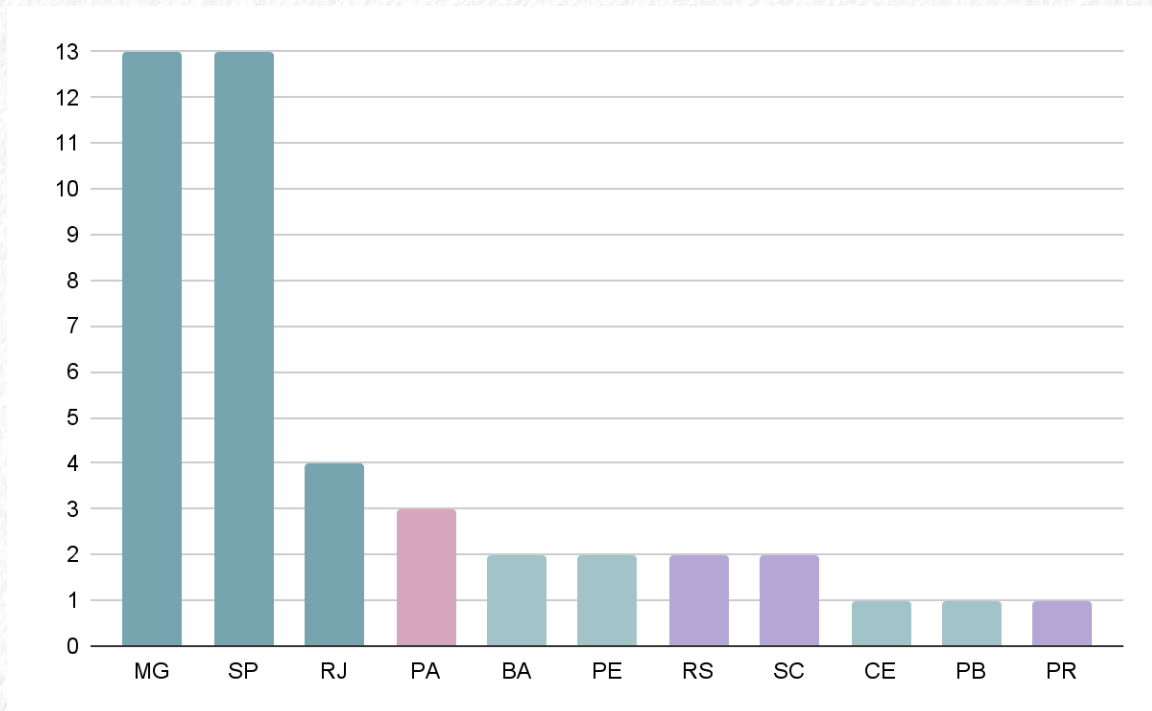
O impacto do festival pode ser observado sob diferentes aspectos. Em primeiro lugar, trata-se de uma iniciativa que garante, a cada ano, a presença de obras inéditas de compositores vivos na programação da orquestra, promovendo a renovação constante do repertório e estimulando a criação musical em âmbito nacional. Em segundo lugar, o festival constitui uma instância de legitimação estética e institucional, já que os compositores selecionados passam a integrar o circuito profissional por meio de uma performance orquestral qualificada, com ensaios abertos, comentários de regentes e músicos, além de gravações de ótima qualidade técnica.

As duas primeiras edições do FTF, realizadas em 2008 e 2009, foram destinadas exclusivamente a compositores mineiros e, por esse motivo, não foram incluídas na análise comparativa (Figura 3). O recorte adotado concentrou-se nas edições de 2011 a 2025 (terceira à décima terceira), período em que o festival adquiriu abrangência nacional, atraindo ampla participação de jovens compositores de diversas regiões do país. Entre os finalistas dessas onze edições, observa-se uma distribuição geográfica um pouco mais equilibrada, embora a predominância da região Sudeste ainda seja evidente — possivelmente reflexo da porcentagem populacional e quantidade de centros de formação musical.

Entre 2011 e 2025, foram finalistas 33 compositores, cujas obras foram interpretadas em estreia mundial pela Filarmônica. A diversidade regional dos participantes (ver Figura 3), ainda é concentrada no Sudeste, principalmente nos estados de Minas Gerais e São Paulo. De toda forma, para muitos compositores, o festival representa a primeira oportunidade de ouvir uma obra orquestral interpretada por uma orquestra profissional, o que tem implicações significativas em sua trajetória formativa e na visibilidade de seu trabalho.



Figura 3 - Gráfico dos compositores finalistas do Tinta Fresca - da 3a. edição (2011) até a 13a. edição (2025) - por estado



Fonte: os autores.

A ação cumulativa do festival, ao longo de treze edições, tem ampliado de modo considerável o número de obras brasileiras contemporâneas efetivamente interpretadas no país. Soma-se a isso o próprio número de inscrições, que em sua totalidade ao longo dos anos chegam a somar 437 obras, sendo 68 executadas no concerto do festival, conforme pode ser visto na Tabela 1.



Tabela 1 - Informações sobre o FTF de 2008 a 2025

Edição	Ano	Inscrições	Obras Selecionadas	Público	Local
1ª	2008	20	6	263	Teatro Sesiminas
2ª	2010	14	5	847	Palácio das Artes
3ª	2011	29	6	263	OI Futuro
4ª	2012	23	6	360	Sesc Palladium
5ª	2013	48	4	422	Teatro Bradesco
6ª	2015	30	6	1477	Sala Minas Gerais
7ª	2016	35	5	1458	Sala Minas Gerais
8º	2017	26	5	1477	Sala Minas Gerais
9º	2018	48	5	929	Sala Minas Gerais
10º	2019	39	4	1156	Sala Minas Gerais
11º	2022	39	5	Sem info	Sala Minas Gerais
12º	2024	41	6	Sem info	Sala Minas Gerais
13º	2025	45	5	Sem info	Sala Minas Gerais
Total:	-	437	68	8.652¹	-

Fonte: os autores.

Por fim, o FTF atua como uma política de estímulo à criação musical que transcende o caráter meramente competitivo. Ao oferecer condições profissionais de performance, promover o intercâmbio entre compositores e valorizar a escuta de novas linguagens musicais, o festival se configura como espaço de formação, visibilidade e reconhecimento, tanto para os

¹ Soma do público da primeira à décima edição do FTF (os dados sobre público das três últimas edições não foram informados).



compositores quanto para o público, este que podemos ver, esteve presente de forma significativa na Sala Minas Gerais (Tabela 1), apesar de não termos dados sobre os três últimos anos.

3.3) A desigualdade de gênero no repertório

Um aspecto marcante do levantamento de dados sobre o repertório da OFMG entre 2008 e 2025 é a baixa representatividade de compositoras. Das 227 obras brasileiras executadas nesse período (excluindo as obras oriundas do FTF), compostas por 76 compositores diferentes, apenas seis são de autoria feminina: Clarice Assad, Claudia Cimbleris, Catarina Domenici, Chiquinha Gonzaga e Marisa Rezende — esta última com duas obras incluídas no repertório. A presença de compositoras representa, portanto, menos de 7% do total de autores e apenas seis obras (menos de 3% das obras), evidenciando um quadro de significativa desigualdade de gênero.

No que se refere ao FTF, a situação pode ser considerada ainda pior. Entre as treze edições realizadas até 2025, Claudia Cimbleris foi a única mulher finalista, tendo participado da edição inaugural, em 2008. Há de se levar em consideração que as obras são submetidas sem autoria, e não sabemos o número de mulheres inscritas em cada edição.

Infelizmente tais dados não surpreendem pois, como nos mostra a pesquisa de Fernandes, que teve como recorte orquestras sinfônicas da região Sudeste, é aguda a sub-representação de compositoras no repertório de orquestras brasileiras (SANTOS, 2018). A pesquisadora argumenta que há uma invisibilização das mulheres na música de concerto brasileira, mais do que uma ausência. Partindo dessa perspectiva, é preocupante observar que menos de 5% das obras brasileiras tocadas pela OFMG sejam de compositoras. A despeito do avanço da representatividade feminina em concertos temáticos (muitas vezes ligados ao Dia das Mulheres) e atividades pontuais como o Concurso Compositoras Latino-Americanas da OSESP (2024) e o concerto “Mulheres Lendárias”, realizado pela Orquestra Sinfônica de Minas Gerais (2024) — a programação da OFMG ainda não reflete plenamente a importância e urgência da temática.

Embora as duas primeiras edições do festival tenham sido restritas a compositores mineiros, a ausência de mulheres entre os finalistas das edições subsequentes — que passaram a aceitar candidatos de todo o país — mostra o desafio que temos para a inclusão de mulheres



na programação de orquestras. A ausência de políticas afirmativas, de editais específicos ou de ações voltadas à promoção da diversidade de gênero pode ser um dos fatores que explicam essa disparidade, tanto no repertório geral da orquestra quanto nas seleções do festival.

4) Conclusão

A análise do repertório da OFMG entre 2008 e 2025 revela um cenário ambíguo no que se refere à difusão da música orquestral brasileira. Por um lado, os dados demonstram um esforço significativo da instituição em incorporar obras de compositores brasileiros. Destaca-se, entre essas iniciativas, o papel do FTF como vetor de renovação do repertório e de estímulo à criação musical contemporânea no país. Desde sua criação, o festival possibilitou a estreia de 68 obras de 33 compositores finalistas, além de promover o contato desses autores com práticas profissionais de alto nível.

Outro ponto é a presença expressiva de compositores naturais de Minas Gerais — 24 ao todo — o que sugere uma articulação entre a orquestra e o contexto local. Também é notório o espaço concedido aos nomes mais conhecidos da música de concerto brasileira do século XX, como Villa-Lobos, Guarnieri e Mignone, revelando uma curadoria atenta a um repertório histórico, ainda que predominantemente masculino e centrado no Sudeste do país.

Por outro lado, o levantamento evidencia vieses importantes. A despeito do volume de obras brasileiras executadas, a presença feminina é extremamente reduzida. Essa sub-representação aponta para a persistência de desigualdades de gênero no campo da música orquestral, que não se explicam por critérios técnicos ou artísticos.

Em síntese, os resultados mostram que a OFMG, por meio do FTF e de outras ações curatoriais, tem contribuído de forma relevante para a promoção da música de concerto brasileira. No entanto, ainda há desafios importantes a enfrentar, especialmente no que diz respeito à diversidade regional e de gênero. O caso da OFMG e do FTF oferece um panorama mostrando tanto o potencial quanto às limitações das estratégias institucionais voltadas à valorização da produção orquestral brasileira no século XXI.



Agradecimentos

Esta pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) através da Chamada CNPq/MCTI Nº 10/2023, Processo 409704/2023-7 e através de bolsa PIBIC, edital PRPq-UFMG de 2024.

Referências

CATANZARO, Tatiana. *A composição Brasileira em 2012: Panorama da Música Contemporânea Brasileira Atual*. In: COELHO, João Marcos (Org.). Cem anos de música no Brasil: 1912-2012. São Paulo: Andreato Comunicação e Cultura, 2015.

CRUZ, João Batista de Brito. *Havia música contemporânea na OSESP reestruturada?: análise quantitativa de uma década de programações (2000-2009)*. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, XXXIV, Salvador, 2024. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2024/papers/2562/public/2562-10796-1-PB.pdf. Acesso em: 26/07/2025.

MINCZUK, A. *O contexto histórico, político e econômico das orquestras sinfônicas no Brasil*. Tese (Doutorado em História da Ciência) - Centro de Ciências Exatas e Tecnologias, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2014.

ORQUESTRA FILARMÔNICA DE MINAS GERAIS. *Festival Tinta Fresca*. Disponível em: <https://filarmonica.art.br/festival-tinta-fresca/>. Acesso em: 26/07/2025.

PALÁCIOS, P. *A música brasileira no repertório da OSESP entre 2000 e 2009*. Anais do XXIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – Natal: ANPPOM, 2013.

RODRIGUES, Lutero. Música Sinfônica Brasileira. *Cadernos do Colóquio*, v. 6, n. 1. UNIRIO, 2003. Disponível em: <https://seer.unirio.br/coloquio/article/view/73>. Acesso em: 26/07/2025.

SANTOS, Thaís F. *A (in)visibilidade da feminino na música erudita brasileira*. In: Anais do III Encontro Nacional de Estudos de Gênero, Poder e Violência. 2018. Disponível em: [A \(IN\)VISIBILIDADE DO FEMININO NA MÚSICA ERUDITA BRASILEIRA – Thaís Fernandes Santos](#). Acesso em: 09/09/2025.

